

CINEMA PRIMORDIAL

Da viagem que empreendeu ao Afeganistão em 2002, em missão para a Bienal de Artes de São Paulo, Arthur Omar já publicou três rebentos: a instalação *Devôox* (2005), a partir de cenas gravadas numa mesquita; o belíssimo livro de fotos e textos *Viagem ao Afeganistão* (Cosac Naify, 2010); e o longa-metragem experimental *Os cavalos de Goethe* (2011). Esse último é certamente um de seus trabalhos audiovisuais mais impressionantes, até por sintetizar uma série de procedimentos que o artista cultua através do tempo e do cruzamento de mídias. Lançado em versão reduzida num DVD não comercial, o filme não tem previsão de exibição em cinemas.

Durante sua estada em Cabul, Arthur teve a oportunidade de entrar na arena e filmar de perto a primeira partida de *buzkashi* realizada desde a queda dos talibãs. O *buzkashi* é o esporte nacional do Afeganistão, em que dezenas de cavaleiros disputam a carcaça de um bode, às vistas de uma plateia siderada, numa versão primitiva do jogo de polo. Das várias horas filmadas, Arthur usou apenas sete minutos de tempo real, submetidos a um processo de desaceleração radical, em que o cinema se avizinha da fotografia.

Ao longo de nove meses de edição, os momentos foram selecionados e os movimentos submetidos a um arsenal de microfusões, efeitos de *morphing* e reenquadramentos que provocam uma percepção inusitada das imagens. Ora a câmera se move lentamente enquanto as figuras parecem fixas no quadro; ora homens e cavalos se fundem num amálgama de carnes, panos e formas coloridas. Na plateia, em tratamento igualmente ralentado, homens vibram com o espetáculo ou encaram a câmera como nos célebres retratos "gloriosos" do autor. É a percepção do tempo e do movimento que se altera nesses *tableaux* quase imóveis, mas profundamente carregados de tensão e eletricidade. É a percepção do espaço que se intensifica no quase 3D das camadas de imagens.

Como sempre nos trabalhos de Arthur Omar, o som é parte indissociável de sua alquimia. Aqui ele lança mão de trechos do longuíssimo (seis horas) Quarteto de Cordas nº 2 de Morton Feldman, do poema físico/metafísico *Quatro quartetos* de T. S. Eliot lido por Allen Ginsberg, e de uma variada sonoplastia que inclui declamações na língua dari local. A massa sonora engravida as imagens de sentido



épico e estertores agônicos, ou detona súbitas acelerações no movimento pastoso dos cavaleiros, como diástoles na respiração tensa do filme. Trata-se de ver o esporte como um combate e este como um ato de cinema.

O título convoca a teoria das cores que Goethe sustentou poeticamente. Para ele, a cor não se opunha à escuridão, mas se formava a partir da interação entre luz e treva. Talvez não seja difícil encontrar semelhanças entre os *tableaux* de *Os cavalos de Goethe* e algumas composições de Kandinsky ou paisagens de Turner, artistas influenciados pelas ideias de Goethe sobre cor, luz e prisma.

Mas o que se impõe, para além de toda referência, é o convite de Arthur Omar a que o espectador se distancie das exigências de informação e temporalidade do documentário. A experiência sensorial deve conviver com a absorção intelectual ou mesmo sobrepor-se a ela. Se o filme começa com imagens em preto e branco do mesmo evento, em velocidade normal, é só para sair rapidamente desse registro e nos mergulhar em outra dimensão do real, que desafia noções de atualidade e fidelidade literal.

A grande força do filme está na energia poética que despeja sobre o espaço de exibição, com apelo aos estágios primordiais do cinema. De um lado, são os ecos das muitas guerras do Afeganistão que nos chegam subliminarmente através daqueles corpos e rostos em lenta euforia. De outro, são os ecos do próprio cinema das origens que se acotovelam nas cavalgadas de um Muybridge bárbaro ou nas inesperadas irrupções ferroviárias de um Lumière digital. A decomposição do movimento, a presença do trem, o estudo das cores e a ancestralidade do *buzkashi* fazem desse filme um pequeno tratado sobre o que o cinema pode ser quando não se limita a narrar. ■